

OS INTERACULTURAIS NA EaD. NARRATIVAS DE VIDA DOS DIFERENTES BRASIS

São Paulo, 07/2015

Cielo G. Festino- Universidade Paulista- cielofestino@gmail.com

Roseli Gimenes-Universidade Paulista- roseligi@globocom.com

Investigação Científica (IC): Pesquisa

Educação Superior

Nível Macro: Acesso, Equidade e Ética

Nível Médio: Inovação e Mudança

**Nível Micro: Interação e Comunicação em Comunidades de Aprendizagem
Descrição de Projeto em andamento**

RESUMO

No momento presente em que as novas tecnologias estão mediando o processo de letramento se faz importante discutir a efetividade e complexidade da interação implícita na Educação a Distância (EaD) para a inclusão social em um país geograficamente vasto e culturalmente heterogêneo como o Brasil. Entendemos que apesar de problemas como um apropriado sistema de letramento digital, acesso adequado à comunicação tecnológica, como assim também a possibilidade de enfrentar os custos financeiros, a EaD pode ainda ser efetiva no Brasil porque alcança lugares de difícil acesso, afastados dos centros universitários e assim coloca em contato as grandes metrópoles com áreas rurais ao mesmo tempo em que contribui para encurtar distâncias de classe, gênero e diferenças étnicas e raciais entre os brasileiros que pertencem a diferentes âmbitos da nação.

Palavras-chave: Educação a Distância (EaD). Inclusão social. Narrativas de vida.

Contextualização do Projeto. A EaD e a Inclusão Social

No momento presente em que as novas tecnologias estão mediando o processo de letramento, o objetivo deste projeto é discutir a efetividade e complexidade da interação implícita na Educação a Distância (Doravante EaD) para a inclusão social em um país geograficamente vasto e culturalmente heterogêneo como o Brasil.

O nosso argumento principal é que apesar de problemas como um apropriado sistema de letramento digital, acesso adequado à comunicação tecnológica, como assim também a possibilidade de enfrentar os custos financeiros, a EaD pode ainda ser efetiva no Brasil porque alcança lugares de difícil acesso, longe dos centros universitários e, assim, coloca em contato as áreas distantes do território nacional ao mesmo tempo em que contribui para encurtar distâncias de classe, gênero e diferenças étnicas e raciais entre cidadãos brasileiros que pertencem a diferentes âmbitos da nação.

Nesse contexto, visamos desenvolver o projeto “*Encontros Interculturais: Narrativas de Vida dos Diferentes Brasis*” desenhado no Curso de Letras, (Licenciatura em Português, Português e Inglês e Português e Espanhol) de uma universidade privada de São Paulo, a Universidade Paulista/UNIP Interativa, com polos em grande parte do território nacional. O projeto tem como principal objetivo relacionar as comunidades dos estudantes dos diferentes polos, conectados pela EaD, por meio de uma forma particular de autobiografia, as narrativas de vida, definidas por Smith e Watson (2010, p.4) nos seguintes termos:

Consideramos o termo “narrativas de vida” como um ato de auto-representação de todos os tipos de media que consideram a vida do enunciante como seu principal sujeito tanto em forma escrita, performativa, visual, fílmica ou digital. Em outras palavras empregamos o termo “escrita de vida” para narrativas escritas como as autobiográficas e “narrativas de vida” referem-se a atos autobiográficos de qualquer tipo.¹

Esse estilo de autobiografia é profundamente amplo e democrático desde que considera narrativas de cidadãos que, historicamente, têm sido ignorados como não tendo valor pelo gênero *autobiografia* que se foca, principalmente, na vida de personagens destacadas da comunidade. Por sua vez, a EaD torna o projeto possível porque, por meio da tecnologia, permite

centrar o projeto no contexto do aluno e sua comunidade. A EaD facilita esse processo ao problematizar o conceito de distância a nível geográfico, temporal e transacional. Como aponta Tori (2010, p.9), o significado da EaD é geralmente definido como a “ausência do professor”. Porém, o conceito é bem mais complexo. Centrando-se no aprendiz, há três relações possíveis no processo de ensino-aprendizagem: professor-aluno, aluno-aluno e aluno-conteúdo. Por sua vez, em cada uma dessas relações há três tipos de distâncias consideradas: espacial, temporal e transacional. A distância *espacial* refere-se à separação física entre o aluno e o professor, os outros estudantes e o estudante e os conteúdos. A distância *temporal* refere-se às atividades *síncronas* como chats e *assíncronas*, deferidas no tempo, como os fóruns de discussão. Finalmente, as atividades *transacionais* referem-se ao fato de o aluno se sentir afastado dos outros, pelo fato de não compartilhar com colegas e professores a tradicional sala de aula; contudo, isso pode acontecer tanto na educação tradicional como no EaD. Da mesma maneira, o conceito de distância está relacionado ao de *presença*; como acrescenta Tori, ambos estão relacionados no EaD por meio das ferramentas tecnológicas que encurtam as distâncias entre as partes envolvidas independentemente da separação geográfica.

É essa qualidade da EaD que contribui para o desenvolvimento do projeto das narrativas de vida porque ajuda a relacionar comunidades muito distantes ao desconstruir a dicotomia centro-periferia, e multiplicar o centro nos inúmeros contextos dos alunos, ao mesmo tempo em que eles compartilham problemáticas próprias das suas comunidades e regiões ou conflitos que acontecem a nível nacional, mas que têm contornos diferentes em cada localidade. A EaD permite que as narrativas alcancem não somente uma maior visibilidade, mas também novas camadas de significação quando são lidas de maneira relacional: umas em termos das outras.

Por sua vez, a EaD ajuda a criar, entre os estudantes, no primeiro momento, um sentimento de autoconfiança quando eles percebem que suas narrativas atraem interesse além do seu próprio locus de enunciação e, em um segundo momento, um renovado senso de cidadania quando ao enxergar suas narrativas, entre muitas outras, tornam-se cientes de que devemos considerar as nossas crenças como um possível conjunto de valores em vez de a maneira

como o mundo é ou, nesse caso, como um único e homogêneo Brasil é. Como explicam Smith e Watson:

Os arquivos de vida têm como objetivo educar, reconstruir a memória e curar. Eles ajudam a construir a comunidade e memorializar o passado ao encurtar diferenças e identificar valores compartilhados. O esforço de construir uma memória coletiva, uma história por vez, se traduz em uma cidadania participativa. Tais projetos de narrativas coletivas, tanto que sejam publicadas como livros, filmes, documentários, gravações ou media digital, situam a história do indivíduo na narrativa maior da história nacional, como sendo uma “história de baixo” que relaciona narradores, escutas à nação como uma comunidade imaginada (2010, p.189)ⁱⁱ.

O projeto das narrativas, mediadas pela EaD, torna-se assim em um projeto de inclusão social porque seu objetivo não é somente instruir e passar informações desde um centro educacional, mas focando no contexto do aluno levá-los a produzir conhecimento em vez de somente reproduzir informações recebidas. Noutras palavras, o objetivo é tornar a teoria em prática e a prática em novas teorias que sejam eficazes e significativas para o entorno social e cultural do aluno.

Paulo Freire (1996, p. 43) estabelece uma diferença entre o que ele chama de “conhecimento ingênuo” (adquirido não sistematicamente) e “conhecimento rigoroso”, (adquirido de maneira sistemática). Ambos estão associados com a curiosidade epistemológica do sujeito. O primeiro é o tipo de conhecimento que o aluno traz para a sala de aula de sua experiência cotidiana. O segundo é o conhecimento *criado* na sala de aula pela interação entre professores e alunos. Enquanto o primeiro implica uma resposta subjetiva ao contexto cultural, o segundo implica uma resposta informada que leva a uma participação responsável no mundo multicultural de hoje.

Uma das tarefas dos tutores e professores, envolvidos neste projeto, será o de fazer os participantes cientes do valor contingente dos princípios da sua própria cultura, no sentido de que sempre fazemos sentido do mundo em termos de o nosso contexto de enunciação o qual sempre estará limitado pela maneira em que outras culturas fazem sentido de seu mundo.

Há alguns conceitos que ajudam para que esse processo de criação de significados seja plural. Um deles é o de Gianni Vattimo (1994) sobre que, de alguma maneira, todos somos fundamentalistas. Ou seja, para poder funcionar na nossa sociedade, precisamos acreditar em determinados valores que nos

permitam agir. Nesse sentido, damos valor de fundamento a determinadas crenças e valores. Porém, nunca devemos esquecer que esse processo acontece da mesma maneira em todas as culturas. Ou seja, nossos “fundamentos” acabam onde começam os dos Outros e os fundamentos dos Outros são tão válidos como os nossos próprios.

Nesse contexto, os Letramentos Digitais contribuem para a inclusão social desde que definidos por Knobel e Lankshear como “maneiras socialmente reconhecidas de gerar, comunicar e negociar conteúdo significativo através de textos codificados (2008, p. 249)”ⁱⁱⁱⁱ. No nosso caso, o letramento digital se realiza através das ferramentas disponibilizadas para a comunidade do nosso curso de Educação a Distância que é um sistema de grande alcance, sofisticação e complexidade. O uso da tecnologia, como apontam os autores, é entendido nesse ambiente como uma prática social que requer certas habilidades de manipulação para a concretização do letramento digital; nesse sentido os professores e tutores envolvidos no projeto assistirão os alunos *in loci* e a distância para a o uso das diferentes ferramentas para a elaboração de suas narrativas de vida. Por sua vez, esse processo de letramento digital estará baseado, como já dito, em narrativas de vida de temas de interesse cívico que transformam o ensino-aprendizagem em uma verdadeira ação de educação e cidadania porque, como apontam Knobel e Lankshear (2008, p. 256), esse tipo de ambiente virtual e tecnologia interativa possibilita, através da interação, gerar e comunicar significados; convidar outros para criar novos significados a partir dos nossos textos, ao mesmo tempo em que nós fazemos a mesma coisa a partir dos textos dos outros.

Entendemos que há, então, uma clara convergência entre as narrativas de vida e a tecnologia que as relaciona na EaD. Knobel e Lankshear (2008, p.249) apontam que é significativo o aumento de pesquisas, relacionadas com temas como raça, etnicidade, gênero, sexualidade, religião e civismo, desenvolvidas por meio dos letramentos digitais.

Isso porque se as narrativas de vida, como apontam Smith e Watson (2010, p.189), têm como objetivo uma cidadania participativa por meio da narrativa de histórias pessoais e comunitárias, há três elementos constitutivos na distância transacional na EaD que contribui para o mesmo objetivo.

Conforme Tori, (2010, p.9) o primeiro é o *diálogo* e a possibilidade de interação entre as muitas e diferentes partes envolvidas que relaciona narradores, escutas e leitores e lhes ajuda a re-imaginar a comunidade nacional. Esse tipo de interação online tem algumas características que o torna um ambiente apropriado para esse tipo de interação e que ajuda a transformar o contexto social e cultural de maneira significativa: permite aos envolvidos criar um perfil público ou semi-público; esse perfil é compartilhado com aqueles que transitam no mesmo espaço; os envolvidos também compartilham suas narrativas com os participantes das comunidades dos Outros alcançando assim um alto nível de visibilidade (Knobel & Lankshear, 2008, p.250).

O segundo é a *flexibilidade da estrutura do programa*, em outras palavras, o fato de o sistema permitir que os alunos escolham as ferramentas com as quais narrar suas histórias: a palavra escrita, o vídeo, a fotografia etc., para compartilhar não somente as ferramentas, mas também os mesmos sistemas de conhecimento. Nesse sentido, um aspecto interessante do letramento, através das mídias digitais, é, como observa Gee (2011, p.1), o hibridismo porque essas narrativas têm características da linguagem oral e escrita: se a linguagem oral é “interativa, mas efêmera”, a linguagem escrita é menos interativa, mas permanece. Quando às mídias digitais transmitem a linguagem, ainda que de maneira escrita, ela se torna interativa nas salas de chats e fóruns porque viaja com muita rapidez através das respostas, quase que simultâneas, que geram novas narrativas, quase que adquirindo as características da linguagem oral. Ao mesmo tempo, se a linguagem sempre tem sido multimodal, uma mistura de palavras, sons e imagens que se formulam na mente, as mídias digitais oferecem a possibilidade de concretizá-las em textos escritos e digitais, fotos e filmes.

O terceiro é a *autonomia do aluno*. Conforme Dillon & Greene (2003, p.235), uma das diferenças principais entre os alunos na sala de aula tradicional e a EaD é que os últimos aprendem em um meio mais independente. Isso se manifesta na sua escolha não somente do tema de suas narrativas, significativas para suas comunidades, mas também na tecnologia que as media. Como ressaltam, Lankshear e Knobel (2008, p. 9), essas tecnologias muitas vezes são trazidas para o âmbito educacional pelos

mesmos alunos que já as manipulam em blogs, jogos e as mídias sociais. Esse conhecimento e autonomia na escolha fazem com que o letramento digital seja um processo de aprendizado não somente significativo e eficaz, mas também prazeroso.

O Valor das Narrativas e a EaD

A EaD tem sido repetidamente desacreditada porque se fala que os alunos dessa modalidade não são verdadeiros membros da comunidade acadêmica (Granger & Bowman, 2003, p.177). Uma maneira possível de superar esse obstáculo, segundo alegam os autores, é envolvendo os alunos em atividades meta-cognitivas como as narrativas de vida que exploram as identidades, estilos de vida e de aprendizagem e mostram o relacionamento dos alunos com seu contexto através da análise crítica de sua comunidade e de seu lugar nela. Esse tipo de atividades reflexivas, através das narrativas, são de grande valor porque ajudam os alunos a achar suas vozes, dentro e fora de suas comunidades, assim como a se relacionar com seus pares de outras comunidades em geral, e comunidades de aprendizado em particular que, nesse caso, são parte da uma nação continental como o Brasil.

Então, as narrativas de vida podem ser lidas como atos autobiográficos porque o fato de estarem situadas em uma história, como argumentam as autoras, significa que estão situadas “em lugar e tempo” e, então, podem ser lidas como “interações cruciais com o mundo” no sentido de que “estão dirigidas a uma audiência/leitores e estão envolvidas em uma discussão sobre a identidade” (Smith e Watson, 2010, p. 63).

Assim, narrativas de vida implicam em algum tipo de agência que pode dar lugar a novos e diferenciados tipos de comportamentos porque estão inscritos na vida da comunidade. Claramente, a relação entre narrativas e comunidade é um processo dinâmico que sempre está aberto a novas mudanças já que ambas se alimentam mutuamente.

A EaD oferece um espaço amigável para todos esses tipos de narrativas porque ao oferecer aos alunos a possibilidade de se expressar em mídias da sua própria escolha a EaD ajuda a recrutar vozes que antes preferiam ficar silenciadas. A palavra escrita nem sempre é o caminho mais fácil para todos. Como já foi sinalizado, na era digital, há muitos indivíduos

que sentem-se mais à vontade se utilizando de mídias com as quais eles já estão bem familiarizados nas redes sociais. Então, ampliar o tipo de mídia utilizada pode também ser entendido como uma maneira de inclusão social

Objetivos do Projeto

No espírito deste documento, **o objetivo geral** do nosso projeto é, através da EaD e narrativas de vida, modestamente, contribuir com a missão da escola de fornecer aos alunos da Licenciatura em Letras, futuros professores, uma visão crítica dos seus direitos como cidadãos como assim também a necessidade de respeitar as diferenças.

O objetivo específico deste projeto é construir uma memória coletiva através de narrativas de vida que discutam a diversidade cultural do Brasil, em particular relacionada a temas como classe, gênero e diferenças étnico-raciais que possam ser instrutivas para a nossa geração e gerações futuras.

Entendemos essas narrativas de vida como práticas sociais situadas, dentro do contexto da escola que, pelo fato de serem articuladas a partir da perspectiva dos alunos, tornam-se em atos significativos para suas próprias vidas e para os membros das suas comunidades. Ao ser confrontados com a necessidade de se posicionar sobre temas críticos, e aperfeiçoar a sua narrativa, os alunos precisam se engajar em um ato de reflexão para poderem articular suas ideias, necessidades, temores tanto de maneira escrita quanto fílmica ou fotográfica. O momento quando a experiência de vida torna-se em narrativa pode ajudar para introduzir mudanças na sociedade, quando essa mesma narrativa se transforma em ideal de novas ações sociais.

Metodologia

Leitura e discussão da bibliografia

Os alunos que escolhem participar do projeto deverão ler bibliografia sobre a EaD: aspectos cognitivos e inclusão social, os letramentos digitais, a diversidade cultural, gênero e diferenças étnico-raciais, o gênero narrativas de vida. Essa bibliografia será sugerida pelos professores e tutores participantes do projeto. As discussões sobre as leituras teóricas e o desenvolvimento do

projeto serão organizados através de fóruns e chats com os professores e tutores do Curso de Letras da universidade.

Organização das narrativas e escolha dos temas

As narrativas estarão organizadas levando em conta tópico, tipo de narrativas de vida e mídia escolhida. No que diz respeito ao tópico das narrativas, elas estarão organizadas ao redor de experiências comuns que revelem a diversidade cultural nacional a partir de uma visão pessoal. Contudo, em vez de apagar as diferenças, as narrativas farão questão de mostrar o conflito entre elas. Assim, a leitura relacional e intertextual se tornará uma zona de contato entre escritores e leitores.

Resultados esperados

O resultado desta pesquisa será um arquivo online com as narrativas de vida em forma escrita, fílmica ou fotográfica, com uma introdução crítica escrita pelos alunos e um pós-fácio escrito pelos tutores e professores da casa que será postado no AVA da universidade ao qual terão acesso todos os alunos da universidade de todos os cursos da EaD. Essas narrativas poderão se ajustar aos padrões das seguintes formas de narrativas de vida: *bildungsroman*; narrativas sobre direitos; narrativas de sofrimento e reparação; narrativas de família; narrativas auto-etnografias (Smith e Watson, 2010, p.127) relacionadas a temas como diversidade de classe, gênero e diferenças étnico-raciais.

Nas diferentes discussões que serão desenvolvidas nos fóruns e chats, durante os dois anos que dura o projeto, será observado aos alunos, autores das narrativas que, como apontam Smith e Watson (2010:63) sempre deve-se levar em conta que a “memória, experiência e identidade, localização espacial e agência são elementos constitutivos das narrativas de vida”. Porém, para entender a qualidade situacional das narrativas há diferentes aspectos que devem ser levados em conta: o local da narrativa, o Eu narrativo e os Outros do Eu narrativo.

Notas

ⁱ “We take life narrative as a general term for acts of self-representation of all kinds and in diverse media that take the producer’s life as their subject, whether written, performative, visual, filmic or digital. In other words, we employ the term life writing for written forms of the autobiographical, and life narrative to refer to autobiographical acts of any sort” (2010, p.4)(nossa tradução)

ⁱⁱ Life archives aim to be both educational and restorative or healing. They encourage community building and memorialization of the past through breaching differences and identifying shared values. The effort to build collective memory, one story at a time, strives for a participatory citizenship. Such projects of collective storytelling, whether published as books, film documents, recordings or digital media, situate the individual story in the larger metanarrative of a nation’s social history, as “history from below” binding both tellers and listeners to the nation as imagined community (2010, p.189) (nossa tradução).

ⁱⁱⁱ “...socially recognized ways of generating, communicating and negotiating meaningful content through the medium of encoded texts” (2008, p.249) (nossa tradução).

Referências Bibliográficas

Dillon, Connie & Barbara Greene. “Learner Differences in Distance Learning: Finding Differences that Matter” In **Handbook of Distance Education**. Michael Grahame Moore & William G. Anderson, eds. Mahwah, New Jersey & London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2003.

Freire, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

Gee, James Paul & E. R. Hayes. **Language and Learning in the Digital Age**. London: Routledge, 2011.

Granger, Daniel & M. Bowman. ‘Constructing Knowledge at a Distance: The Learner in Context’ In **Handbook of Distance Education**. Michael Grahame Moore & William G. Anderson, eds. Mahwah, New Jersey & London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2003.

Knobel, M & Colin Lankshear. **Digital Literacies. Concepts, Policies and Practices. New Literacies and Digital Epistemologies**. New York: Peter Lang, 2008.

Smith, Sidonie & Julia Watson. [2001] **A Guide for Interpreting Life Narratives**. *Reading Autobiography*. London & Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

Tori, Romero. “A Presença das Tecnologias Interativas na Educação” In **Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP** — Departamento de Computação/FCET/PUC-SP, Vol. II, N 1, 2010, p.1-16.

Vattimo, Gianni. **Ethics, Politics and Law**. Columbia U. Press, 2003.